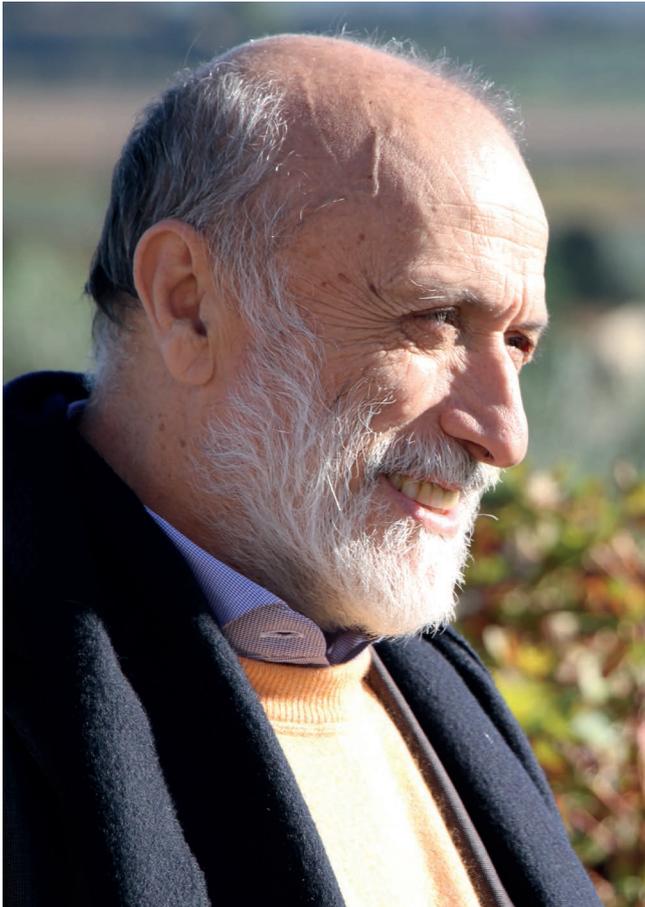


NUTRIR O PENSAMENTO

Considerações de caráter político



Os elementos caracterizadores e, ao mesmo tempo, fundadores do Slow Food, em todo o mundo, são a defesa e a preservação da diversidade. **Diversidade entendida como elemento imprescindível e insubstituível para a qualidade da vida dos seres vivos que habitam o planeta e também do próprio planeta.** Diversidade expressada tanto em sua acepção científica/genética quanto em suas declinações culturais, em suas articulações e organizações sociais, linguagens, relações das comunidades e dos indivíduos com as esferas sacras e espirituais.

A elaboração de nossa definição de qualidade dos alimentos, sintetizada na fórmula “Bom, Limpo e Justo para Todos”, representa um marco teórico dentro do qual a diversidade desempenha um papel indispensável, central. Não há qualidade dos alimentos sem diversidade, pois a diversidade em si representa o cerne vibrante, a

matéria viva através da qual nossa entidade associativa recebe linfa vital para expressar a própria peculiaridade e a própria identidade. O alimento deve ser bom, limpo e justo mas há de sê-lo para todos, pois, do contrário, não será de ninguém. Isto foi e ainda é a característica que nos distingue, e não devemos abandoná-la, cientes de que a manteremos viva e atual somente se a defendermos, abraçando e valorizando a diversidade que dela é o húmus indispensável para o crescimento.

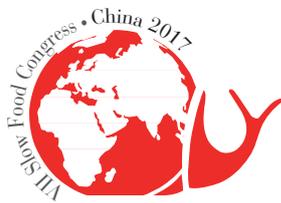
Em sua vida que abrange três décadas, o Slow Food pôde encontrar e vivenciar incontáveis diversidades, tornando-as elemento de formação e de estudo, deixando-se fascinar por elas para saber como delas inferir elementos e método para a interpretação profunda dos territórios sem reducionismos ou simplificações.

Colocando os alimentos no foco de nossa atenção, observando-os desde o núcleo da sobrevivência e da adaptação de cada comunidade sobre a Terra, compreendemos que era possível ter um melhor conhecimento do mundo, absorver histórias e estratificações milenárias, compreender sensibilidades e aprimoramentos, imaginar e traçar trajetórias de sentido. Disso veio a consideração de que **também o lema que havia dado notoriedade mundial ao Slow Food, Bom, Limpo e Justo, perderá seu significado e sua importância se não estiver fundamentado na diversidade.**

Educar a todos para a compreensão da diversidade constitui o grande desafio deste século. Compreender, aceitar e respeitar a diversidade deve ser o caminho, ainda que essa diversidade nos choque e não possa ser facilmente acolhida em nossas categorias de pensamento. Diversidade qual elemento indenitário que, a partir dos alimentos, torna-se uma visão holística. Sem diversidade não há identidade, e nossas raízes fundam-se exatamente na relação com o outro, aceitando e reconhecendo a diversidade do mundo.

QUEM SOMOS E O QUÊ QUEREMOS SER

Mesmo que tenhamos muitas debilidades e fragilidades, não podemos deixar de reconhecer que nossa presença no âmbito internacional é fruto de poucos recursos e de



7th Slow Food
International Congress
Chengdu, China
September 29-October 1, 2017

grandes intuições que, com o tempo, enriqueceram e fizeram cada vez mais complexo nosso horizonte interno que abarca os mais diversos territórios e contextos, multiplica formas de participação e de adesão, abre cenários de ação e de interação e que se subtraem a qualquer esquematização de tipo organizacional que, por vezes, fogem ao nosso próprio entendimento e interpretação. Tudo isto contudo existe, constitui parte integrante de nosso corpo social e influencia, orienta, move (com relevância cada vez maior) nossas ações.

Vivenciamos hoje um momento crucial em que **parece evidente (e inadiável) a necessidade de adaptar a estrutura organizacional a essa multiplicidade de direções, para que sejamos cada vez mais capazes e melhores, nos próximos anos, em fazer da diversidade a nossa diretriz.** Esse caminho não pode e nem deve começar sem que tracemos novamente o sentido último de nossa atividade, o horizonte de significado de nossas ações. Para fazê-lo será preciso saber abraçar a complexidade do planeta, incluir, expandir visões e experimentar modelos.

A diversidade sempre nos acompanhou e constituiu os alicerces sobre os quais trabalhamos com os projetos da Arca, das Fortalezas e das comunidades do Terra Madre. A extraordinária diversidade que os territórios e as populações souberam expressar no campo dos alimentos, tornando-os patrimônio da humanidade e das comunidades, deve constituir o fulcro ao redor do qual construir o paradigma vencedor de uma economia forte em âmbito local capaz de afirmar-se também numa rede global. Essa é nossa ideia de economia e de desenvolvimento, que se reflete na afirmação feita por Plínio, o Velho, há 2000 anos: "Começaremos agora a tratar a obra mais grandiosa da natureza: apresentaremos ao homem seus alimentos e o obrigaremos a admitir que aquilo que o faz viver, lhe é desconhecido".

Há uma segunda característica de nosso ser que tendemos a esquecer ou não consideramos adequadamente em sua importância e força, de certa forma, revolucionária: desde sua criação, o Slow Food declarou-se movimento internacional em defesa do direito ao prazer. Ainda hoje pagamos por essa definição, continuando a ser apontados, em alguns ambientes e contextos, como uma organização que privilegia a dimensão lúdica em detrimento do compromisso social. E pensar que falamos do prazer da participação e do

compartilhamento da beleza e do prazer que todos os dias movem milhares de voluntários sob a insígnia do caracol. O prazer entendido como direito universal de desfrutar da extraordinariedade da vida. Por que ainda temos problemas em fazer com que nossa essência seja tangível e compreendida? É provável que seja algo do qual nunca nos livraremos, e as raízes disso devem ser buscadas na própria definição de gastronomia proposta por Brillat-Savarin, ou seja, uma disciplina complexa, que joga os trunfos da multiplicidade do ser humano e não pode ser contida dentro de limites definidos e esquematizados.

Seria interessante refletirmos agora sobre a etimologia das duas palavras que se repetem no vocabulário de nossa associação ao descrevermos nossa visão do mundo e que devem tornar-se cada vez mais centrais: complexidade e harmonia.

Complexidade deriva do verbo latim *complector*, que significa abraçar, cingir, enquanto *harmonia* deriva do verbo grego *harmòzein*, que significa conjungir, criar laços.

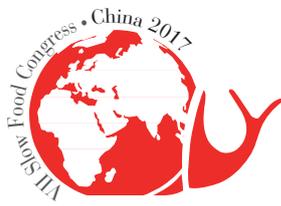
Fundamentalmente, colher a complexidade significa abraçar o mundo, estar cientes de que perante a multiplicidade e a diversidade, a única abordagem é aceitá-las e valorizá-las, sem pretensões vãs quanto a **arcabouços e categorizações.** Fazer tudo isso em harmonia significa **gerar laços** e, nesse sentido, a lição de nossa rede Terra Madre é o mais vívido exemplo de como a harmonia brota dos laços, mesmo daqueles mais inesperados e informais. Esse deve ser nosso caminho e nossa forma de abordar o futuro.

NÓS E OS OUTROS

Observando as outras associações internacionais que poderíamos considerar como afins ou próximas, poderíamos pensar que o modelo a ser seguido seja aquele que os demais já experimentaram com sucesso: grandes investimentos com a comunicação e consequentes grandes ganhos a serem repassados "ao campo".

Comparados a eles, nós, que nunca gastamos nada (apenas o mínimo indispensável) com a comunicação, fomos capazes de dar asas a ideias e a realidades nos territórios obtendo sucessos inesperados. Literalmente, fizemos só com figos secos um banquete de núpcias.

Dito isso, a questão espontânea e franca é: devemos mudar totalmente nossa atitude para tornarmos algo



7th Slow Food
International Congress
Chengdu, China
September 29-October 1, 2017

que não somos? Estamos prontos para nos adentrar numa forma de agir que nunca foi nossa?

Nossa história sempre teve como traço constate o dar asas às ideias que pareciam irrealizáveis, fora de nosso alcance. Isto quase sempre foi feito arremessando-nos com nossos corações para além dos obstáculos, contando com o trabalho de milhares de voluntários que nunca recuaram, pelo contrário, redobramos esforços quando parecia que as forças os abandonavam. Devemos continuar a fazer com que o Slow Food seja a forja para esses entusiasmos inesperados e surpreendentes, devemos continuar a dar asas às ideias e fazer com que voem mesmo que as leis da física se oponham.

Chegou o momento de ir além da lógica das organizações independentes e contrapostas para fazermos com que o diálogo possa se tornar também um caminho concreto comuns. Assim sendo, não devemos excluir que algumas entidades associativas próximas a nós possam participar do próximo congresso, enviando delegados. Podemos e devemos, em virtude de nossa visão holística, abrir trilhas comuns juntamente com outras associações e organizações, sem medo de sermos inclusivos também nas sedes de participação. Isto valoriza ainda mais nossa austera anarquia e coloca-nos na condição de exercermos uma hegemonia no âmbito cultural e filosófico, faz com que nos contaminemos e crescamos, tornando-nos capazes de melhor interpretar a realidade na qual agimos.

O PORQUÊ DA ESCOLHA DA CHINA COMO SEDE DO NOSSO PRÓXIMO CONGRESSO INTERNACIONAL

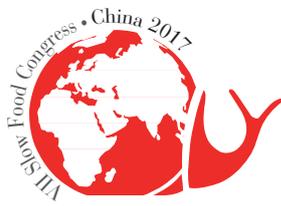
Da mesma forma que o Congresso de Puebla deu-nos uma visibilidade mais ampla e internacional, o próximo Congresso de Chengdu nos deparará de forma inequívoca e inevitável com a exigência de uma ulterior mudança de paradigma. As contradições de nossa modernidade integralmente subjugadas por valores absolutistas como crescimento, lucro, expansão, competição nos aparecem cada vez mais evidentes hoje. Basta olhar à nossa volta para constatar os fracassos de um modelo que agora nos pede as contas do desastre econômico, social, político, humanitário, e não podemos prescindir de uma nova partida fundada na dignidade das comunidades.

Atualmente, em ao menos 30 dos 150 países do Terra Madre, as populações deparam-se diariamente com

problemas de sobrevivência. Problemas que crescem simultaneamente também nas periferias de nosso mundo ocidental rico e opulento e que se apresentam em forma de migrações em massa às quais assistimos e que continuaremos a assistir por muitos anos. O neoliberalismo impregnou totalmente o discurso econômico, político e social, impondo métodos de produção desequilibrados nos quais as comunidades mais frágeis, os recursos ambientais e os bens comuns sempre saem lesados. Nesse processo, as denominadas grandes potências continuam a ter mais recursos, e mostram-se reticentes em adotar medidas alternativas para reduzir o desastre, e muitas vezes são presas nas garras de lobbies econômicos e financeiros orientados unicamente pelo interesse privado. Apesar dos compromissos assumidos com a COP21 de Paris, em que os participantes assinaram um acordo para mitigar as mudanças climáticas, falta ainda um esforço decisivo e partilhado para redesenhar um modelo de bem-estar em harmonia com o planeta Terra e com as espécies que o habitam. Como se isso não bastasse, o desequilíbrio cresce exponencialmente também no âmbito social com uma desigualdade que alcançou patamares nunca imaginados na história. O 1% mais rico da população possui mais riquezas que o restante 99%, sendo que as 8 pessoas mais ricas do planeta detêm os recursos dos 3,5 bilhões de pessoas mais pobres.

Podemos voltar as costas para esse mundo? Podemos pensar em continuar a trabalhar como se isso não nos dissesse respeito? Nossas demandas estão sob o xeque-mate da situação geopolítica que é de fato a terceira guerra mundial. Esse panorama ainda não apresenta saída. **Nossa atividade faz sentido no momento em que nos tornamos cientes de que o trabalho sobre a biodiversidade é nossa pequena contribuição para a paz e o desenvolvimento humano. Este é o momento de decidirmos o lado no qual queremos estar, já não cabem meias medidas.**

O domínio de poucos sobre muitos nos pede contas: ao legado da escravidão, colonialismo, neocolonialismo e exploração juntou-se à grilagem de terras. O Congresso então será o lugar no qual afirmaremos nossas posições, onde desenharemos nossa alternativa e nosso horizonte de ação para indicarmos um caminho diferente. Atualmente um de entre 5 seres humanos é chinês, e a China enfrenta os resultados de quinze anos



7th Slow Food
International Congress
Chengdu, China
September 29-October 1, 2017

de crescimento econômico deslumbrante que, se por um lado contribuiu a fazer com que grandes porções da população saíssem da condição de indigência, por outro lado também aniquilou muito do patrimônio agrícola, alimentar e artesanal tradicional, levando a uma urbanização acelerada que ainda hoje cobra um preço elevado em termos de qualidade de vida, com a feroz depredação dos recursos ambientais. A China não pode, inclusive pelo peso que tem no cenário internacional, ficar indiferente a uma situação interna e internacional que requer uma mudança radical de rumo. Nós, como Slow Food, podemos dar a nossa modesta contribuição para traçar possíveis rumos, graças à experiência de nossas comunidades do alimento que, no mundo inteiro, todos os dias, defendem a resiliência dos próprios territórios buscando um bem-estar harmonioso e justo. Eis então que em Chengdu será preciso falar do clima, da biodiversidade e da nova economia; será preciso propor nossos projetos mais ambiciosos e elevados para encontrar uma declinação adequada aos tempos e lugares; será preciso pensar no nosso papel num mundo que muda e no qual queremos e devemos ser protagonistas, pois o alimento é aquilo que nos faz viver, o alimento é o meio através do qual nos encontramos, o alimento é nossa identidade e é também nossa janela para o mundo.

Chengdu será nosso novo ponto de partida de onde tentaremos dar respostas válidas às contradições de nossos dias como habitantes do mundo em que vivemos. Um novo ponto de partida para encontrarmos uma dimensão organizacional que seja também inclusiva das diversidades que nossas comunidades expressam, sejam elas convivia ou comunidades do Terra Madre, entidades indígenas ou grupos espontâneos, jovens ou outras associações.

Devemos aceitar integralmente a dimensão fluida e não estruturada de nossa base associativa e, conseqüentemente, moldar nossa organização. Isto foi-nos ensinado por Terra Madre e principalmente pelos povos indígenas que fizeram ao longo de séculos a maior operação de defesa e proteção da própria diversidade.

A PRÁTICA

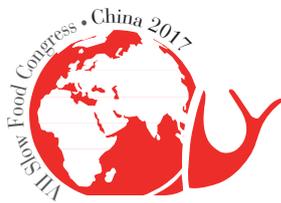
Se aquilo que está escrito deve representar a base filosófica de nossas ações, presentes e futuras, **será preciso abrir um debate sobre a nossa estrutura organizacional, que deve ser inclusiva e não exclusiva,** em todos os níveis.

Acho necessário, nesse âmbito, começar por aquilo que já somos, recolhendo a experiência positiva de um corpo social que, tendo nascido sob uma lógica associativa ocidental, soube abrir-se não apenas para uma dimensão de rede, mas também para outras formas organizativas inéditas, onde podem conviver o associativismo clássico com o *movimentismo* característico do Terra Madre. As estruturas consolidadas de uma democracia participativa de tipo ocidental souberam sintonizar-se com as peculiaridades de valores ancestrais representados pelas comunidades indígenas e com um espírito libertário expresso pela diversidade e pela fluidez que sintetizamos como “austera anarquia”.

A trilha da reorganização estrutural (iniciada no último Conselho Internacional, cujas sugestões encontram-se no documento em anexo) que começamos a percorrer deve ser extremamente abrangente para que possamos realmente abarcar toda a diversidade (cerne político de nossa associação) presente e futura que nos possibilite colocar no núcleo de nossas ações o compartilhamento e o intercâmbio. **Este é um desafio crucial e extremamente difícil, pois entramos num campo onde a partida não se joga com rígidas certezas e sim com alegre precariedade.** Miremos então a uma **política de alianças com outros atores e não a uma estrutura rígida.** Miremos também à diversidade interna a nosso movimento antes de encaminhar-nos na direção da rigidez. Tudo ocorre independentemente da maneira com a qual afiliamos nossos associados e isto é tangível diariamente onde quer que nos encontremos no mundo.

O grande limite organizacional, muitas vezes debatido, é também nosso grande trunfo. Prova disso é que no imaginário coletivo externo ao movimento, somos vistos como mais fortes e mais sólidos do que realmente somos.

Usando o corpo humano como metáfora, dizemos que, se a diversidade representa o coração pulsante que tudo mantém em vida e sem o qual nada é possível, então nossa organização deve ser funcional à proteção desse órgão e à circulação da seiva vital que dele brota. Desse coração/diversidade irradia-se o nosso sistema circulatório feito de veias e artérias que são nossas ideias, nossos projetos, nossas iniciativas e estruturas associativas de nível central e territorial que têm a tarefa de fazer chegar a todos os cantos as mensagens e torná-las realidades. Mesmo o menor dos vasos sanguíneos, o mais marginal dos capilares, tem um papel importante no



7th Slow Food International Congress

Chengdu, China

September 29-October 1, 2017

funcionamento de nosso corpo associativo e devem ser protegidos e incluídos sem pretensões hierárquicas. O organismo, em seu conjunto, funciona somente se todos os seus órgãos funcionam e é por isso que não podemos ter outra perspectiva que não seja ampla, inclusiva, abrangente e, mais uma vez, diversificada.

O desafio então está em conciliar o local com o internacional, a diversidade com as demandas organizacionais. Para vencermos esse desafio devemos ser fortes em pensamento, extremamente atentos a captar os estímulos emanados pela diversidade dos territórios (e disso o Congresso é o ápice intenso e profícuo) permanecendo porém concentrados nas campanhas políticas de valência mundial e identitárias para todos.

O caminho que leva a uma ideia organizacional que acolha o duplice valor dos binômios complexidade-unidade e local-global deve ser traçado segundo alguns princípios.

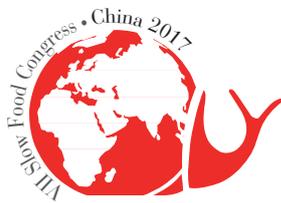
A nível central:

1. Precisamos de um centro qualificado pela elevada capacidade política e de projeto, capaz de manter viva a atenção e a elaboração teórica perante um quadro político constantemente mutável. A reflexão deve constituir o ponto central pois é nosso instrumento de leitura do mundo. Sendo assim, desejamos envolver (e já envolvemos) um grupo de intelectuais referenciais no âmbito internacional que nos auxiliem a decifrar a contemporaneidade, a lê-la, fornecendo-nos maior eficácia e precisão em nosso agir. Um comitê de amigos do nosso movimento que nos proporcionarão maior espessura teórica e profundidade de pensamento para que possamos tomar decisões e fazer ouvir nossa voz.
2. Devemos escolher um grupo dirigente que trabalhe para elaborar e propor campanhas internacionais eficazes e com caráter vinculatório para a totalidade do movimento. Esse é o elemento diferencial. Essas

campanhas devem ter como foco o elemento identitário de unidade internacional do movimento, e nossa força dependerá da capacidade de identificar as questões fundamentais do mundo gastronômico, agrícola e ambiental no mundo inteiro. Defender e valorizar a diversidade do mundo será o cunho de nossa união perante o mundo. Uma comunidade cujo destino constrói-se ao redor da curiosidade e conhecimento mútuo, praticados diariamente nos territórios e celebrado nos grandes eventos nos quais nos encontramos, reconhecendo-nos em nossas diferenças e fortalecendo-nos em nossas convicções.

A nível territorial:

3. Máximo respeito pela diversidade da participação em nível local, mantendo formas de adesão ao movimento diversificadas, amplas, inclusivas e não rígidas. A diversidade dos grupos fundadores da base constitui nossa força e deve ser valorizada e não menosprezada. O vínculo fundamental da adesão, resguardados os princípios básicos do Manifesto que ainda representa nosso texto fundador, será representado pelas campanhas internacionais que constituirão ocasião para que a totalidade da rede seja chamada a responder de forma compacta.
4. Governar a presença do Slow Food nos territórios através do diálogo e da participação entre as mencionadas diversidades. Não deverá haver primogenituras nem hierarquias entre as formações sociais. É preciso favorecer e promover o diálogo dentro das recíprocas autonomias. A diversidade deve gerar novas lideranças mais difundidas e menos hierárquicas, inclusive em âmbito territorial. Paradoxalmente, a concentração é mais ineficaz em âmbito local do que internacional, pois ter um único referencial forte dentro do mesmo país ou de grandes territórios não é eficiente nem funcional para o cenário que acabamos de descrever. Garantir esse alargamento harmonioso deve ser o princípio-guia de nossa reorganização.



Debate sobre o Futuro do Slow Food, concebido pelo Comitê Executivo Internacional

Iniciamos um debate sobre o futuro do Slow Food durante a reunião do Conselho Internacional em Junho de 2015, no decorrer da qual, grande atenção foi dada ao documento lavrado pelo Comitê Executivo. Após diversos meses e várias modificações, o Conselho Internacional aprovou o seguinte documento, que constitui o marco para o debate que levará ao Congresso Internacional de 2017:

O quê: Refletir sobre o futuro do Slow Food. O que queremos ser e como o conseguiremos?

Por quê: Para redefinir nosso modelo organizacional

Objetivo: Redefinir nossas principais metas, estrutura, governança e modelo organizacional

Dois questionamentos fundamentais

1 - Onde queremos estar dentro de 5 a 10 anos?

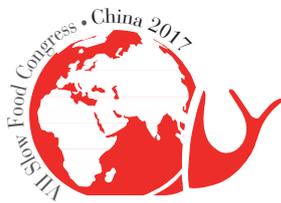
- Reformular integralmente a marca da organização: Nós somos A ORGANIZAÇÃO DO ALIMENTO.
- Mensagem: precisamos definir os termos daquilo que queremos dizer e definir as prioridades quanto às ações.
- Atenção deve ser dada ao impacto dos projetos sobre a biodiversidade, sobre o solo, sobre os agricultores e cidadãos.
- O uso da logomarca e da nossa mensagem: deveríamos melhorar nossa comunicação para que se torne mais simples e mais eficaz no que têm a ver com a explicação daquilo que somos, sem perder a complexidade do nosso recado e dos nossos inúmeros projetos. Temos muitas logomarcas enquanto deveríamos ampliar o uso da logomarca do caracol.
- Grupos locais: temos que encontrar uma forma de interligar a nova imagem com o trabalho desempenhado pelos Convivia.
- Precisamos aumentar o numero das Comunidades do Alimento e não apenas a quantidade de convivia.
- O objetivo deveria ser: menor quantidade e maior qualidade (por ex.: menor quantidade de convivia e comunidades do alimento que sejam porém mais ativos)

2 - A quem dirige-se e quem estará envolvido no Slow Food?

- Precisamos abranger novos grupos alvo, não somente a elite intelectual.
- Os grupos locais deveriam abarcar pessoas de todos os contextos sociais e culturais especialmente jovens e indígenas
- Devemos evoluir de clube (estilo Rotary) para uma rede de ativistas (movimento do alimento).
- É preciso ir além de um movimento baseado apenas nos sócios: os sócios representam uma parte de nossa rede e novos tipos de afiliação serão apresentados, quer com pagamento de quotas quer gratuitamente.
- Temos que definir o modo de comunicar com as pessoas, envolvê-las e mantê-las engajadas internacional, nacional e localmente (comunicação centralizada + descentralizada).
- É preciso desenvolver redes geográficas e redes temáticas para incrementar a eficácia da comunicação (ultrapassar as barreiras linguísticas) e recolher os benefícios proporcionados pela partilha de problemas/soluções pertinentes a áreas geográficas específicas ou a tópicos específicos (por ex. normas sobre higiene).

A partir dos quesitos até aqui mencionados, e dos debates e reflexões durante o Conselho Internacional, adicionaram-se uma série de questionamentos examinados no encontro do Comitê Executivo de Dezembro de 2015. Os principais quesitos discutidos e aprovados foram os seguintes:

- O “documento Nutrir o Pensamento” (Food for Thought) foi aceito e portanto a meta para o Slow Food será se tornar “O Movimento dos Alimentos.”
- Para alcançar essa meta é preciso que o Slow Food vá além do conceito de associação por afiliação e comece a conceber novas formas de afiliação, algo que já ocorre em muitos lugares do mundo.
- As comunidades locais permanecem nosso ponto de força. (Termos como “convivium” poderão não ser utilizados e substituídos com palavras mais abrangentes como “comunidades”.



7th Slow Food
International Congress
Chengdu, China
September 29-October 1, 2017

- Deverão ser analisadas e fundadas em cada país novas formas organizacionais que melhor se adaptem a cada contexto (uma associação ou outra estrutura organizacional).
- O Slow Food irá definir as visões, as estratégias, as metas e as diretrizes para as possíveis atividades a serem implementadas. As comunidades locais terão a liberdade de decidirem como colocá-las em prática, no nível local.
- O papel operacional do Slow Food será voltado principalmente a:
 - Conteúdos/Campanhas
 - Comunicação
 - Formação
 - Apoio às áreas locais para procurar fundos e prestar assistência nos trabalhos nesses países, inclusive supervisionando a fase inicial dos diversos projetos.
- É preciso procurar um mecanismo que possa regulamentar as relações entre o Slow Food e as organizações locais, quer em termos de planejamento quer em termos financeiros.
- O futuro modelo financeiro do Slow Food deverá basear-se em doações individuais.

Uma síntese do exercício para identificar as prioridades durante o Conselho Internacional, ocorrido em Junho de 2016 em Puglia, Itália

Com base no documento de trabalho de Carlo Petrini, e no documento “Nutrir o Pensamento” (Food for Thought) do Comitê Executivo, os Conselheiros Internacionais trabalharam, em Junho de 2016, usando métodos de debate que refletiam a vontade de fazer algo diferente. Com a abordagem de sete questões aprendemos

- a recolher conhecimentos globais a partir de líderes influentes;
- a identificar as questões com respaldo mais amplo;
- a compreender se determinadas respostas e geografias estão relacionadas (ou não);
- a determinar quais os potenciais passos, de curto ou longo prazo, a serem dados pela organização no próximo Congresso Internacional.

Dentre as diversas questões que obtiveram maior respaldo, uma sobressaiu: o desejo de uma campanha global única que reúna a todos nós. Para rever todas as conclusões derivantes desse exercício interativo, dirija-se a seu Conselheiro Internacional ou ao Slow Food Internacional para receber uma cópia do relatório formato PDF.